

## **ALIENAÇÃO E CONTINGÊNCIA**

### **Editorial do Vol. 4 n. 7 dos Cadernos Zygmunt Bauman**

**Renato Nunes Bittencourt<sup>1</sup>**

A sociedade brasileira acaba de acordar da grande narcose coletiva promovida pela realização da Copa de Mundo de Futebol 2014, promovida pelo maior Estado do globo, a FIFA. A eliminação vergonhosa do retalho de time brasileiro perante a excelente seleção alemã de futebol retrata o quão amadora é a gestão de nosso esporte-paixão nacional pelos mandatários, mais preocupados em lucrar com negociatas obscuras do que em profissionalizar a organização desse negócio. A Copa do Mundo de Futebol, evento espetacular do capitalismo tardio, é incapaz de promover de fato a agregação da população para uma causa política significativa, mobilizando-a para a transformação social. O Futebol se configura assim como o grande ópio do povo na sociedade pós-moderna, pois, incapaz de encontrar a realização existencial em uma causa mais elevada, as massas humanas depositam suas esperanças de felicidade na vitória dos seus clubes queridos e na Seleção Nacional, que supostamente representa a pátria de chuteiras no grande palco da política futebolística. Nem Deus nem os programas políticos engajam tanto as massas alienadas por uma causa do que o sagrado Futebol.

Havia a crença infundada de que a Copa do Mundo de Futebol de 2014 estava comprada para que a nação brasileira encontrasse seu êxtase coletivo na conquista do torneio, mas havia um bloco alemão no meio do caminho, desfazendo esse sonho de ser campeão no próprio território brasileiro. A esperança do hexacampeonato foi adiada para 2018, mas parece que o modelo de organização esportiva continuará em voga, beneficiando uma casta de empresários que pouco se importa com os resultados dessa seleção estropiada de futebol. Desse modo, uma contingência alemã desfez a quimera da população, que derramou lágrimas de sangue pela acachapante derrota, como se isso mudasse as condições de vida de cada um. O Futebol, mero entretenimento, torna-se o elã vital das massas. É imprescindível acabarmos com essa bobagem, o valor da vida encontra-se além das disputas futebolísticas. Deixemos de lado as pretensas necessidades esportivas e afirmemos as suas contingências, para que assim possamos nos dedicar efetivamente nas necessidades políticas, que, essas sim, podem mudar a forma de gestão da vida nacional e assim estabelecer efetiva qualidade de vida para a população, mediante a ruptura com os paradigmas fetichistas do Capital.

---

<sup>1</sup> Prof. Dr. em Filosofia pelo PPGF-UFRJ – Professor do Curso de Especialização em Pesquisa de Mercado e Opinião da UERJ, da Faculdade CCAA e da Faculdade Duque de Caxias-UNIESP